

ACONTECIMENTO EM REDE, MEMES E SEMIOSE: O CASO PATRÍCIA MOREIRA

NETWORK EVENT, MEMES AND SEMIOSIS: THE PATRÍCIA MOREIRA CASE

Ronaldo Josué Faller¹
Ronaldo Cesar Henn²

Resumo

O trabalho analisa algumas semioses decorrentes do acontecimento em que torcedora do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre foi flagrada exclamando injúrias racistas ao então goleiro do Santos, Aranha, em partida pela Copa do Brasil ocorrida no ano de 2014. Constituído através de trama midiática que envolvem diferentes dispositivos e plataformas, o acontecimento intensificou-se por conta dos processos em redes digitais e gerou uma diversidade de textos reveladores de dinâmicas culturais em franca exacerbação no mundo contemporâneo. Toda uma ambiência memética, com especificidades próprias da cultura digital, é delineada na tessitura desse acontecimento em rede, que também problematiza estruturas atávicas da sociedade. Desse modo, o objetivo principal é o de produzir ensaio analítico a partir de articulações teóricas entre acontecimento, semioses e perspectivas meméticas, através da aproximação de conceitos oriundos da obra de C. S Peirce e Yuri Lotman. A análise leva em consideração a dimensão semiótica dos memes, as potencialidades das semioses desencadeadas e interfaces com o sistema jornalístico. Conclui-se que determinadas estruturas da sociedade, como racismo e sexismo, são objetos dinâmicos em atividade, que acionam em semioses tensas na semiosfera.

Palavras-chave: Acontecimento. Redes digitais. Memes. Semiose. Semiosfera.

Abstract

The work analyzes some semioses resulting from the event in which the Grêmio Foot-Ball Porto Alegre supporter was spotted exclaiming racist offenses to the then goalkeeper of Santos, Aranha, in a match for the Copa do Brasil that took place in 2014. Constituted for a plot of media involving different devices and platforms, the event intensified due to the processes in digital networks and generated a diversity of texts revealing cultural dynamics in

¹ Jornalista e Mestre em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Campus Litoral Norte). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3565908246393685>. ORCID: 0000-0002-1054-3266. E-mail: faller.ronaldo@gmail.com.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor e pesquisador no PPGCCOM da Unisinos, coordenador do Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC) e pesquisador do CNPq, nível 2. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5890836961761762>. ORCID: 0000-0002-3741-2936. E-mail: henn@unisinos.br.

strong exacerbation in the contemporary world. A whole memetic ambiance, with specificities specific to digital culture, is outlined in the fabric of this networked event, which also problematizes atavistic structures in society. Thus, the main objective is to produce an analytical essay based on theoretical articulations between events, semioses and memetic perspectives, by approaching concepts from the work of C. S Peirce and Yuri Lotman. The analysis takes into account the semiotic articulations of memes, the potential of unleashed semiosis and interfaces with the journalistic systems. It is concluded that certain structures of society, such as racism and sexism, are dynamic objects that trigger tense semioses in the semiosphere.

Keywords: Event. Digital networks. Memes. Semiosis. Semiosphere.

1 INTRODUÇÃO

Em 2014, durante as oitavas de final da Copa do Brasil de 2014, em Porto Alegre, na Arena do Grêmio, em partida do time local contra o Santos Futebol Club, ocorreram manifestações generalizadas de cunho racista. Os torcedores gremistas insultaram o goleiro da equipe adversária, Mario Lúcio Duarte Costa, o Aranha, através do insistente coro com a designação “Ma-ca-co”. Cinegrafista da ESPN Brasil flagrou alguns deles, mas o recorte dado à torcedora Patrícia Moreira da Silva transformou-se na imagem representativa deste acontecimento. O quadro em que ela reiteradamente xinga o goleiro, com a expressão hoje repudiada no mundo todo, no ambiente esportivo, espalhou-se feito pólvora por todas as plataformas online e replicada intensamente nas mídias tradicionais.

Figura 1 – Flagrante da ESPN



Fonte: R7 (2014).

O acontecimento teve desdobramentos significativos. O clube gaúcho foi julgado e punido pelo STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), que eliminou a equipe dessa competição. Já a torcedora passou a sofrer perseguição de diversas ordens nos sites de redes sociais, tanto dos perfis que repudiavam a atitude em si, bem como por parte dos próprios torcedores, que se sentiram prejudicados com a reverberação de sua performance. Além de sair dos espaços de sociabilidade virtual, cuja permanência tornara-se insustentável, diante da iminência de ataques físicos, a torcedora manteve-se, também, exilada do convívio social. Sua casa chegou a ser apedrejada e, posteriormente, incendiada por um torcedor do Grêmio, episódio que imprimiu mais dramaticidade ao acontecimento. Neste texto, faremos uma análise de algumas semioses desencadeadas a partir da singularidade desse acontecimento, com foco em um conjunto de memes que emergiu desde sua eclosão e também nas diversas materializações jornalísticas.

Como se trata de um acontecimento cuja constituição e configuração deram-se por conta de processos em redes digitais, ele será compreendido como ciberacontecimento (HENN, 2014). Esse conceito pensa acontecimentos que, compreendidos como expressões contemporâneas da cultura digital, constituem-se em redes digitais e geram narrativas de natureza convergente e transmidiática: sua potência vincula-se ao nível de afetação que propulsiona (no sentido de Quéré, 2005, 2012), intensificada pela experiência desse modo de acontecer em rede. Seu poder de constituição e propagação vincula-se à ação dos atores sociais, ainda que se possa pensar em outros agentes sociotécnicos atuando nesses processos. Com o tempo, percebeu-se que não são apenas formas distintas de constituição que esse tipo de acontecimento opera, mas ele também se inscreve em novas arquiteturas narrativas, potencializadas pelas redes e plataformas digitais, disputas de sentidos e de territórios semióticos que são desencadeadas nesses processos (HENN, FLÔRES, 2020; POLIVANOV, et. al., 2020).

Também se refletirá sobre o ambiente de sentidos produzido por esse acontecimento, a partir de alguns eixos teóricos: os conceitos de semiose, oriundo da Teoria Geral dos Signos de C. S. Peirce (2002); de semiosfera, com as formulações de Iuri Lotman (1996, 1999) e as diversas acepções das teorias meméticas (DAWKINS, 2010; BLACKMORE, 1999; AUNGER, 2000).

O acontecimento em tela traz movimentação complexa para se compreender os processos comunicacionais contemporâneos. As dinâmicas de circulação em rede (ROSA,

2019) impuseram ao acontecimento mutações de sentidos, com ressignificações, algumas delas, problemáticas sobre o racismo. Em contrapartida, instaurou-se tribunal virtual carregado por condenações peremptórias e com as marcas do que se convencionou chamar de cultura do ódio. O objetivo desse artigo é, portanto, a partir da análise de cinco produções meméticas e materiais jornalísticos, identificar a construção de sentidos que deles emanam e as potencialidades de suas semioses. Do mesmo modo, a partir desse acontecimento, propõe-se uma articulação teórica que envolve processos em rede e territorialidades semióticas. Na primeira parte, aborda-se as teorias do acontecimento e suas singularidades nas tramas de redes e plataformas digitais. Na segunda, discorre-se sobre os conceitos de memes e suas vinculações com teorias semióticas. Na terceira, oferece-se ensaio analítico que se fundamenta na noção de signo de C. S. Peirce, com foco, sobretudo, nas processualidades das semioses e suas intertextualidades.

Figura 2 – Perfil de torcedora no *Facebook*



Fonte: Blog Gabriel Dantas (2014).

2 ACONTECIMENTO: SINGULARIDADE E REVERBERAÇÃO

Se pensarmos o magma como estado físico da matéria, ele é um sólido plástico, por isso possui plasticidade: sai e solidifica. Emerge do interior da terra e solidifica-se, formando novas camadas na região exterior. Ou seja, o magma sai do interior da terra através da erupção da lava, que eclode com toda a força. Os jatos atingem quilômetros de altura e, ao se

deslocarem pela superfície da terra, faz com que a lava recupere a geografia do território, estabelecendo novas configurações. O acontecimento geológico sucintamente descrito, ajuda a compreender a noção de acontecimento como singularidade e suas implicações na constituição de semiosfera.

De uma perspectiva sistêmica (VIERA, 2006), o acontecimento é um conjunto de condições iniciais que dispara determinados processos. Edgar Morin (1986) sugere que o Universo, no seu nascedouro, surge como acontecimento e gera-se em cascatas de acontecimentos. Enfatiza que o nascimento não é o acontecimento, mas o acontecimento que é o nascimento, concebido aqui no seu sentido mais forte: ruptura, catástrofe. Com essa ideia, o autor projeta um devir cósmico, que se constitui em cascatas de acontecimentos, acidentes, rupturas, morfogêneses, caráter esse que repercute em todas as coisas organizadas (HENN, 2010). Nesse sentido sistêmico, o acontecimento tem uma força inaugural.

A partir disso, no plano estritamente humano, pode-se pensar o acontecimento como instância inaugural de todo um processo de sentido, ideia chave na proposição de Louis Quéré (2005). Ele parte do princípio de que, para se evidenciar o lugar do acontecimento na organização da experiência, seja ela individual ou coletiva, é preciso, por um lado, conseguir situá-lo corretamente no plano do sentido e, por outro, inscrever a ação em uma dinâmica em que a possibilidade de acontecimento e seu poder hermenêutico desempenhem papel mais importante do que a movimentação dos sujeitos. Ao mesmo tempo, o acontecimento insurge-se enquanto tal por conta do seu poder de afetação: ele é vivido no campo da experiência e desencadeia, a partir dele, todo um campo problemático. Compreendido desta forma, o acontecimento concentra em si a força propulsora da semiose (HENN, 2010): materializado na condição de signo, o irromper da sua existência desdobra-se em infinitas possibilidades de desvendamento dos objetos em que encarna.

Nos processos em plataformas e redes digitais, as singularidades constituem-se nesse ambiente, com todas as suas potencialidades. Tanto a emergência do acontecimento, quanto o seu poder de afetação (e, por consequência, todos os potenciais fluxos de sentidos, ou semioses, que ele inaugura) são oriundos dessa ambiência. É nessa articulação que se pensa o ciberacontecimento. Esse fenômeno afeta os processos jornalísticos que, ao configurarem sistema social de grande imponência, desde o século XIX, instituiu-se na condição de mediação social, cuja principal atribuição é a transformação dos acontecimentos em narrativas inscritas em códigos historicamente constituídos. Uma atividade que pode ser compreendida

como discursiva (CHARAUDEAU, 2007; BENETTI, 2010) ou semiótica (HENN, 1996), mas que detinha a prerrogativa de organizar, selecionar e hierarquizar os acontecimentos do mundo a partir de enquadramentos que se vinculam às conexões delicadas do sistema jornalístico com os diversos sistemas sociais. Entretanto, o fluxo linear em que as semioses dessas narrativas percorriam, transformam-se nos processos de produções e conexões digitais, convertendo-se naquilo que Heinrich (2011) e Russel (2011) vão designar como jornalismo em rede: pacotes narrativos que se clusterizam e espalham-se, em processos similares aos descritos por Jenkins, Ford e Green (2013). Outros atores passam a participar desse processo, participação essa viabilizada por contextos conectivos inéditos, vinculada a lógicas de distintas naturezas.

O modo como se pensa esses processos inserem-se em uma perspectiva sistêmica, que pensa o universo midiático atravessado por complexas relações entre sistemas concebidos como abertos, dinâmicos e fora do equilíbrio (VIEIRA, 2000 e 2006; MAINZER, 1995; PRIGOGINI e STANGERS, 1984; PRIGOGINI, 1976 e 1996). Essa inspiração na termodinâmica dos sistemas abertos e fora do equilíbrio, nas configurações do caos determinista e nos princípios de organização originárias do ruído (ATLAN, 1990, 1992) aponta para três grandes hipóteses, sistematizadas por Mario Bunge (1979): a realidade é sistêmica; a realidade é complexa; a realidade é legaliforme, ou seja os acontecimentos estão causalmente relacionados – fazem parte de processos em rede.

Os ciberacontecimentos, como o que se analisa nesse trabalho, geram tensões nos espaços que Yrui Lotman (1996, 1999) descreveu como semiosfera. Tratam-se dos espaços onde as semioses (geração, configuração e ação dos signos, produção de sentidos) metabolizam-se, processam-se, geram textos culturais e delimitam fronteiras (MACHADO, 2007). A semiosfera, assim compreendida, é dotada por materialidade sistêmica, tanto no que diz respeito aos dispositivos em que os signos processam-se (incluindo os mecanismos do próprio corpo humano e naquilo que Bruno Latour, 2012, entende como atores não humanos), quanto nas complexas dinâmicas de estruturação e replicação, conforme postulações das teorias meméticas, já referidas.

A semiosfera é configurada a partir de fronteiras, nas quais as máquinas de sobrevivências dos memes (entendidas aqui como toda a materialidade dos dispositivos e signos em que se constituem) operacionalizam estratégias de ação e permanência. Esses movimentos acionam-se através das semioses que, a partir de Peirce (2002), pode-se

compreender como processos autogeracionais ou auto-organizacionais, através dos quais sentidos culturais disputam território e permanência: estabelecem fronteiras. Tais fronteiras, ao mesmo tempo em que delimitam territorialidades semióticas (HENN, FLÔRES, 2020), também instauram permeabilidades, com trocas informacionais, potencialmente geradoras de novos textos culturais ou viabilizadoras de pulsões meméticas adormecidas (como as que se enquadram no que se entende como racismo estrutural) (LIMA, 2021; BERSANI, 2018). Ao mesmo tempo, novas linguagem e formatos surgem, como as dos memes, no sentido popular que adquiriu, como textos dissonantes, geralmente no registro do humor, que circulam intensamente em rede.

2.1 Textos em processo: a bricolagem dos memes

Richard Dawkins (2010) propôs o conceito de meme na perspectiva de estender para o território da cultura aquilo que ele entendia como fundamental na estruturação da própria vida: a performance do gene nos processos de evolução. Esse conceito aparece no livro de divulgação científica *O Gene Egoísta*, lançado na década de 1970, e tornou-se recorrente na cultura contemporânea para a designação das mensagens inscritas em linguagens diversas e que são intensamente replicadas pela internet. Mas o meme, da forma como Dawkins propôs, não está restrito a essa replicação exacerbada via rede, por mais que os ambientes que as redes digitais suscitam redimensionam essa capacidade de maneira espetacular, conforme o acontecimento aqui analisado.

O ponto central da tese de Dawkins resume-se na seguinte assertiva: a unidade fundamental da seleção não é a espécie, nem o grupo, nem o “indivíduo”, mas sim o gene. Em algum momento da evolução, surgiu uma molécula notável: o replicador cuja principal dinâmica é capacidade de criar cópias de si mesma. Uma replicação que não é perfeita, aspecto que gerou sopa primordial enchendo-se, não de uma população de réplicas idênticas, mas sim de diversidade uma de moléculas.

O autor aponta para uma dinâmica fundamental na migração dessa proposta para a do meme: os replicadores começam não apenas a existir, mas também a construir invólucros de si mesmos. São as máquinas de sobrevivência. O corpo é a maneira de os genes se preservarem inalterados. Os genes são responsáveis pela própria sobrevivência no futuro que dependem da eficiência dos corpos que ajudam a construir. Os genes são imortais, as

máquinas de sobrevivência individual não. A propriedade que define o gene é a quase imortalidade potencial na forma de cópia de si mesmo. A transmissão genética descrita por Dawkins sugere um ambiente de disputas e estratégias e é por conta dessas dinâmicas estruturais e evolutivas que ele reitera a designação “egoísta” para, em frase de efeito, considerar o gene “a unidade básica do egoísmo”. A transmissão cultural seria análoga à transmissão genética, no sentido de que, nas palavras de Dawkins (2010: 325), “apesar de ser de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução”.

O gene, assim como o meme, constituem-se no nível da estruturalidade (entendida aqui sistemicamente). Os textos, a rigor, não são os memes, mas suas máquinas de sobrevivência, através das quais se reproduz. Isso implica que reduzir o meme apenas a fenômenos de alta replicação seria um erro redutor, na medida em que ele é algo que dispara a estrutura de todos os processos culturais. Susan Blackmore (1999, 2000) é quem dará mais densidade a essa ideia concebida por Dawkins, aspecto reconhecido pelo próprio autor na introdução do livro de *Meme Machine*. Nele, Blackmore (1999) associa os processos de imitação como o motor do que leva a espécie humana a inventar coisas ao longo de sua história, da agricultura à linguagem, do design às artes. E é exatamente na materialidade ou dos nossos corpos, ou dessas invenções, que os memes replicam-se constituindo cultura. Na sua perspectiva, as informações copiadas nos diversos produtos que criamos é o que produziu a incrível complexidade que nos constitui.

Em *Memes in Digital Culture*, Limor Shifman (2014) enfatiza que desde a sua origem, o conceito de meme tem sido objeto de constante debate acadêmico, escárnio e até mesmo cancelamento, mas teve uma volta triunfal, sobretudo no começo dos anos 2010. Lembra o autor que, no discurso vernáculo dos internautas, a tag “meme da Internet” é comumente aplicada para descrever a propagação de conteúdos como piadas, rumores, vídeos e sites. Um dos ápices do fenômeno, em 2012, foi o Gangnam Style, vídeo pop coreano, remixado à exaustão. O autor cita outros acontecimentos célebres do período, em que usuários articularam paródias, remixes ou mashups em produtos como: "Leave Britney Alone", "Star Wars Kid", "Hitler's Downfall Parodies", "Nyan Cat" e a "Situation Room". Ferramentas como o photoshop e os de adição de legendas oportunizaram aquilo que Shifman chamou de oceano memético. Atualmente, as possibilidades de IA acessíveis tornam as deep fakes a nova onda da produção de memes.

Ainda na perspectiva de Limor Shifman (2014), embora se espalhem em uma base micro, o impacto dos memes se dá no nível macro. Eles têm o poder de moldar mentalidades, formas de comportamento e ações dos grupos sociais. Esse atributo é altamente compatível com o modo como a cultura se forma no ambiente digital, configurada por plataformas de criação e troca de conteúdo gerado pelo usuário, com destaque para o YouTube, Twitter, Facebook, Wikipedia e outros aplicativos e sites semelhantes. Amaral e Kehl (2015) também enfatizam a dimensão colaborativa das plataformas para a emergência dos memes como linguagem que se desdobram em materialidades específicas, como as dos GIFs, abreviação de Graphics Interchange Format, de fácil conversão e execução (BARROS E MIGLIOLI, 2013).

Cannizzaro (2016) destaca que o aspecto processual dos memes tem sido tradicionalmente entendido na memética por meio da metáfora do vírus e suas propagações epidêmicas e pandêmicas, como aparece, também, nas proposições originais de Dawkins e Blackmore (1999). Há uma ideia de que, na cultura da Internet, normalmente entende-se que, para se tornar um meme real, um objeto cultural precisa primeiro se tornar viral. Mas essa metáfora tornou-se insuficiente e problemática, pelas conotações negativas, conforme a proposta de espalhamento ou propagação de Jenkins, Ford e Green (2013). Para Nooney e Portwood-Stacer (2014) na cultura meme, o fluxo tem primazia sobre a origem, o criador de um objeto e até mesmo sobre as condições em que foi feito. Essa dimensão frequentemente permanece desconhecidas para as legiões de usuários que remixam e passam adiante determinados conteúdos.

Esses processos são formas daquilo que C. S. Peirce (2020) designava como semiose, ou seja, a ação do signo. O autor entendia o signo como um processo em que estão implicados o objeto ao qual ele está vinculado, assim como o interpretante que ele produz, tratando-se de outro signo, que pode ser compreendido como um desenvolvimento do anterior. O interpretante, na condição de signo produzido em alguma mente, através da mediação do signo inicial, mantém o vínculo com o objeto que, do ponto de vista lógico, desencadeou o processo. Do mesmo modo, como signo que é, o interpretante pode gerar outros signos em processualidades potencialmente infinitas. Desse modo, a semiose, ao mesmo tempo em que significa o funcionamento propriamente dito do signo (representação), também indica o surgimento de novos signos inferidos do primeiro (interpretação). Nesse sentido, o mesmo processo possui uma dimensão representativa e outra interpretativa, que se interpenetram em cadeias de possibilidades infinitas.

Na medida em que o signo só se efetiva na determinação de outros signos, por esta teoria ele só pode ser descrito, na própria semiose, como um processo. Ou seja, o signo não existe como entidade isolada, mas como um sistema de representação mediada, a ser compreendido dentro de um sistema mais amplo de representação (SALLES, 1992). Ele desenvolve-se nas teias de uma rede comunicativa, produzindo contornos ou transformando suas direcionalidades. Por conta disso, adota-se aqui a compreensão de signo como um fator de mediação entre mentes interpretantes, lembrando-se que, para Peirce, a mente não é, necessariamente, um atributo humano: onde existir algum nível de processamento de informações, teremos uma mente agindo. (SANTAELLA, 1983).

A semiose também pode ser entendida como processos de gerações de signos multidirecionais, sequenciais ou simultâneos que, dependendo do fundamento e do suporte em que o signo se constitui, corresponderá a um complexo sógnico com infinitas possibilidades de interpretantes. Trata-se de um fenômeno que se dá no fluxo do tempo, inclusive como probabilidade. Na medida em que ela avança, vai gerando memória, concentrando presente, passado e futuro. Em outras palavras, a semiose corresponde à ação, geração e propagação dos signos. Os memes no ambiente digital são expressões vivas e contemporâneas de semiose, que evocam, entretanto, estruturas meméticas que atravessam tempos e espaços platfórmicos.

3 MEMES E SEMIOSES

No acontecimento “Aranha e Patrícia Moreira da Silva”, que se situa no campo do racismo e associado às suas complexas esferas sociais, assim, como em qualquer outro acontecimento, os memes, pertencentes ao ciberacontecimento, materializam aspectos das semioses que ele gera, conforme veremos abaixo. Ao todo, analisou-se cinco posts que circularam de forma compartilhada em plataformas como Twitter, Facebook e Instagram, a partir dos desdobramentos do acontecimento em tela nos blogs segmentados pela torcida gremista, na perspectiva de se identificar os sentidos que produzem e suas interfaces com semioses mais amplas, de caráter intertextual. Trata-se de um ensaio analítico, que leva a iconicidade dos materiais, suas relações com os textos verbais e vinculações com estruturas simbólicas, via de regra, problemáticas. No segundo momento dessa análise, aborda-se aspectos da circulação jornalística deste acontecimento, com ênfase no circuito de ódio que ele produziu.

Figura 3 – Meme boneca inflável



Fonte: Blog Tempreguicano (2014).

Esta produção mimética manifesta claramente uma exposição de perseguição através do *Twitter* (“Prendam essa boneca inflável”), mas adiciona conteúdo sexista à já problemática questão racial. Como em qualquer julgamento, para haver perseguição, primeiro deve-se ter a identificação. Neste exemplo podemos observar que o usuário manifesta a sua posição pela *#fechadoComOAranha*, identificando-se com as causas e razões do goleiro e produz este material, colocando-o em circulação nas redes, produzindo novos sentidos e acionando mobilizações (CASTELLS, 2013). Desencadeia-se uma operação de semelhança entre a imagem de Patrícia no fatídico enquadramento no âmbito da torcida gremista com a de uma boneca inflável com a boca predominantemente aberta, de forma oval. Desqualifica-se a autora do enunciado racista com enraizados estereótipos de gênero: mulher reduzida à condição de objeto sexual, desprovida de humanidade.

Claude Lévi-Strauss (1970) utiliza-se do termo “bricolagem” para o sentido de resignificação. Ou seja, de uso próprio, feito com as mãos, dar sentido para algo novo, utilizar restos, fragmentos para esta transformação. O autor aqui se refere à construção de objetos, dando-os novos sentidos e os resignificando enquanto seu sentido. É exatamente a produção de sentido dos memes: os memes são como genes, fragmentos que, aliados a outros, agem como mutações e se transformam em algo novo. No entanto, sentidos historicamente constituídos redimensionam-se nessas novas materialidades.

Figura 4 – Meme leitura labial



Fonte: Blog Amarildo Charge (2014).

Já a imagem acima, apropria-se de aspectos da leitura labial, prática muito difundida para se compreender o que os técnicos de futebol falam aos seus jogadores, de fora do campo, e muito utilizada em programas televisivos esportivos como Fantástico, Globo Esporte. Esta produção delimita o meme para “Racismo no jogo Grêmio x Santos” e chama o leitor para a leitura labial, misturada às imagens “*printadas*” da torcedora ao dizer a palavra “Ma-ca-co”, com a tradução: “Eu sou digna de pena!”. Se a imagem anterior sugeria montagem por analogia, em procedimento metafórico e produtor de sentidos problemáticos, nessa tem-se uma operação de contiguidade, de cunho metonímico. Há um deslocamento do sentido original, de teor racista, para novo enquadramento, através do qual, a figura retratada, “digna de pena”, readquire algum traço de humanidade, negada na imagem anterior. A sugestão de leitura labial replica as referências específicas do universo midiático da cobertura jornalística de futebol.

Figura 5 – Meme Galho em Galho



Fonte: Grêmio Rock (2014).

Estas foram palavras de Patrícia Moreira em entrevista no programa “*Encontro com Fátima Bernardes*” da Rede Globo: “Não consigo mais voltar pra minha casa, fico pulando de galho em galho”. Esta produção memética resgata a sua fala e a imagem de sua entrevista no programa de tevê. Explicita a sua fragilidade e desnudamento perante as câmeras televisivas. Ao mesmo tempo acaba sendo revelador, pois nos mostra o nível da perseguição que a torcedora passou. Ao mesmo tempo, a expressão “pulando de galho em galho” remete ao comportamento dos macacos na floresta ou mata, ecoando a designação que, dirigida de forma ofensiva às pessoas negras, consubstancia o racismo que fez eclodir o acontecimento. O meme, neste procedimento, instaura curiosa ressignificação, que se pauta, sobretudo, pela ironia.

Figura 6 – Meme Capa Playboy



Fonte: Feedhits (2014).

O deslocamento da desqualificação racista para a sexista ganha novos contornos nesse meme. O seu rosto é retirado de uma imagem e inserido em outro corpo feminino, que está à mostra e agarrado a um macaco de pelúcia, como se fosse a capa da Playboy, revista que se notabilizou pela objetificação do corpo feminino. No contexto, a produção é perversamente irônica e depreciativa. Trabalha a vulgaridade e insinua uma estratégia midiática de que Patrícia queria aparecer na mídia com segundas intenções, desvirtuando assim o sentido, trazendo para a arena das discussões outros aspectos e comportamentos sociais para a imagem da torcedora. A boneca inflável, do primeiro meme, transmuta-se em outro corpo, midiaticamente disponível.

Figura 7 – Meme Macaco



Fonte: Gerador de Memes (2014).

Esta produção desloca a imagem da *selfie* retirada por um macaco, uma imagem reconhecida no ambiente da circulação, com uma mensagem direcionada à torcedora, dando-lhe o troco em razão de sua ofensa. O poder da palavra “Ma-ca-co” saído da boca de Patrícia, insultando o goleiro na partida, alia-se com a imagem da *selfie* do macaco e faz um movimento de retorno a Patrícia Moreira, como um efeito bumerangue. Opera-se, com essa imagem, os recursos da paródia, em uma complexa inversão de sentidos, típicas da carnavalização, conforme prescreveu Bakhtin (1987). Há nela ecos imagéticos dos bufões, personagens típicos da comicidade da Idade Média, que, para o autor, funcionavam como veículos permanentes do princípio carnavalesco (cuja principal característica centrava-se na inversão dos papéis sociais) na vida cotidiana.

Outro movimento presente neste cenário de produção de sentidos é o poder simbólico vigilante, envolvendo a personagem e as produções dos memes. Ou seja, através da produção de sentidos multifacetada, este acontecimento tramado no ambiente das plataformas e redes digitais, provoca reflexões sobre os tribunais digitais que desencadeia. Também é revelador de como conteúdos meméticos, como os imbuídos de desqualificação de gênero, ganham outras tessituras, mesmo que, no horizonte, tenha como alvo o combate ao racismo.

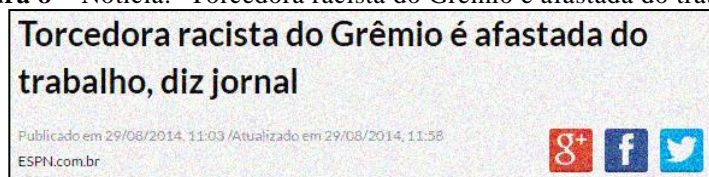
4 REVERBERAÇÕES E INTERFACES

Desde o primeiro momento do ato de chamar o goleiro de “macaco”, Patrícia teve alternar constantemente o seu local de permanência, como em sua própria declaração no

Programa Encontro da Rede Globo: “Tenho que pular de galho em galho”. Como uma celebridade instantânea às avessas, desencadeou-se uma caça à Patrícia, um movimento de perseguição efetivado desde os primeiros momentos do desenrolar do acontecimento.

Como primeiro efeito, sai uma nota da Polícia Militar de Porto Alegre, onde Patrícia prestava serviços de auxiliar de Odontologia, através de uma empresa terceirizada, referindo que ela estaria sendo afastada das suas funções. Ou seja, a personagem envolvida perde o emprego.

Figura 8 – Notícia: ‘Torcedora racista do Grêmio é afastada do trabalho’



Fonte: ESPN (2014).

Figura 9 – Notícia: “Casa vizinha à mãe de Patrícia”



Fonte: UOL (2014).

Ninguém queria se vincular à imagem de Patrícia, pois sua imagem estava ligada agora às questões sociais profundas, como o racismo. Patrícia obteve vários rompimentos, o da Instituição, o rompimento social, mas seu périplo recém estava no início.

Um segundo efeito decorrente do acontecimento trata-se de ameaças de violência física e psicológica pelas redes sociais e por telefonemas. Em seguida, ela retira-se do espaço das redes sociais digitais, cancelando suas contas no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Logo, a perseguição à sua figura fica mais forte e atinge outros campos do seu cotidiano. Patrícia é rastreada e há uma espécie de perseguição midiaticizada instaurada. Ter a casa apedrejada,

ameaças nas redes sociais, nada disso pareceu ser suficiente. Logo, um torcedor afetado com a punição do seu time e por suas experiências resolve atear fogo na casa de Patrícia.

Figura 11 – Notícia: “Preso por atear fogo à casa de torcedora gremista confessa o crime”



Fonte: ClicRBS (2014).

Além da disseminação de ódio nas redes e a punição no seu cotidiano, Patrícia teve em seu saldo atos de exclusão social e a fragilização dos vínculos familiares e sociais. Este acontecimento revela um enorme problema social a ser superado: o racismo. É um problema que se agudiza e, neste acontecimento. Percebe-se o desvelamento de uma cultura do cancelamento. Um acontecimento que eclodiu no campo midiático e é no campo midiático que se tem o seu desfecho. O futebol como ambiência ou como palco revela um monitoramento perante os torcedores. A ideia de panóptico, de Bentham (2000), é bastante presente ao se pensar o estádio como uma torre em que há um vigia (câmeras) que monitora os indivíduos (os torcedores). E outro campo afetado são as práticas de comunicação social, ou seja, as redes sociais digitais, que fermentaram o debate público deste evento.

Figura 12 – Notícia – Grêmio contrata cinegrafistas para observar torcedores



Fonte: Folha de S. Paulo (2014).

Os cinegrafistas contratados registraram através de 20 câmeras o comportamento dos torcedores na partida de volta contra o Santos, pela mesma competição. O clube também modificou a forma da venda dos ingressos da arquibancada popular, onde se localizam as torcidas organizadas. A partir de então, os ingressos para este setor estão sendo vendidos individualmente, somente pela internet e com identificação do RG do comprador.

Com esta investida do Clube perante a crise, percebeu-se que os torcedores não deixaram de se manifestar durante a partida. O que modificou foi que os torcedores bloqueavam as suas bocas, de modo a não serem capturados pela vigilância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acontecimento em tela e seus desdobramentos revelam camadas problemáticas que concentram, na sua singularidade, potências meméticas, racismo estrutural, dispositivos de vigilância midiática, reverberações de estereótipos, tribunais virtuais e cultura do ódio. Ao mesmo tempo, expressa as articulações contemporâneas entre plataformas e redes diversas e a potencialização de sentidos que estas dinâmicas deflagram. Segundo a Teoria Geral dos Signos de C. S. Peirce (2000), as semioses desencadeiam-se pela determinação lógica de objetos dinâmicos, cujas temporalidades não são necessariamente diacrônicas, mas podem se atualizam em pontos sincrônicos ilimitados. Já a semiosfera, segundo Lotman (1996), espaço em que as semioses metabolizam-se, é marcada pela heterogeneidade: as linguagens que preenchem o espaço semiótico são várias e se relacionam entre si ao longo de um espectro que vai da tradução mútua completa até a intraduzibilidade mútua igualmente completa. Sugere o autor que, se fizéssemos a experiência mental de imaginar um modelo de um espaço semiótico em que todas as linguagens surgiriam ao mesmo tempo e sob a influência dos mesmos impulsos, ainda não teríamos uma única estrutura de codificação, mas um conjunto de sistemas conectados, mas diferentes. Isso implica que, em todos os estágios de avanço do tempo, há contatos com textos vindos de culturas que antes estavam além dos limites de uma dada semiosfera. Defende-se, aqui, a ideia, de que determinadas estruturas da sociedade, como racismo e sexismo, são objetos dinâmicos que se acionam em semioses que criam tensões na semiosfera. No universo midiático complexo, hiperconectado por redes e plataformas digitais, texturas ambíguas dessas estruturas rearticulam-se nesses acontecimentos e pautam novas problemáticas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A.; KEHL, C. O humor na cultura colaborativa: formatos digitais como instrumentos de sátira da novela “Amor à Vida” no blog “Morri de Sunga Branca”. **Prisma.com**, n.27, 2015.
- APÓS atos racistas grêmio contrata cinegrafistas para observar torcedores. **Folha de São Paulo**, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/09/1517132-apos-atos-racistas-gremio-contrata-cinegrafistas-para-observar-torcedores.shtml>>. Acesso em: 17 abril 2015.
- ATLAN, H. **Entre o Cristal e a Fumaça**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1992.
- ATLAN, H. The Cellular Computer DNA: Program or Data. **Bulletin of Mathematical Biology**, Vol. 52, N. 3, 335-348, 1990.
- AUDITOR é investigado por suposto racismo no *Facebook*. **Brasil Post**, 2014. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2014/09/04/auditor-stjd-racista_n_5767612.html>. Acesso em: 17 abril 2015.
- AUNGER, R. (ed.), **Darwinizing Culture. The status of memetics as a Science**. New York: Oxford Press, 2000.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rebelais**. Brasília: Hucitec, 1987.
- BARROS, M; MIGLIOLI, S. Novas tecnologias da imagem e da visualidade: GIF animado como videoarte. **Revista Sessões do Imaginário**, n. 29, p. 68-75, 2013.
- BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular. 2010.
- BERSANI, H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Extraprensa**, São Paulo, Vol. 11. N. 2, 2018.
- BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. New York: Oxford, 1999.
- BLACKMORE, S. The memes’ view. In AUNGER, R. (ed.), **Darwinizing Culture. The status of memetics as a Science**. New York: Oxford Press, 2000.
- BUNGE, M. **Tratise on basic philosophy – vol. 4: A world of systems**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- CASA de Patrícia Moreira é incendiada em Porto Alegre. **Portal G1**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/09/casa-de-patricia-moreira-e-incendiada-em-porto-alegre-diz-advogado.html>>. Acesso em: 17 abril 2015.

CASA vizinha a mãe de Patrícia Moreira é pichada em Porto Alegre. **Portal UOL**, 2014. Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/noticias/casa-vizinha-a-mae-de-patricia-moreira-e-pichada-em-porto-alegre>>. Acesso em: 17 abril 2015.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ENTENDA o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA. **Portal G1**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>. Acesso em: 17 abril 2015.

FALLER, R. J. #Somostodosneymar: mobilização social no Twitter. **Revista DITO EFEITO**, v.5, n.7, jul./dez. 2014.

HEINRICH, A. **Networked Journalism**. Londres: Routledge, 2011.

HENN, R. **El Ciberacontecimiento: producción y semiosis**. Barcelona: UOC, 2014.

HENN, R. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M; FONSECA, V. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

HENN, R. **Pauta e notícia. Uma abordagem semiótica**. Canoas: Ulbra, 1996.

HENN, R., FLÔRES, V., Fogo Cruzado e Territorialidades Semióticas. In: DE SÁ, S. P.; ANARAL, A.; JANOTI Jr. J. (ORG.) **Territórios afetivos da imagem e do som**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020.

JENKINS, H.; FORD, S. e GREEN, J., **Spreadable Media, Creatin, Value and Meaning in a Networked Culture**. Nova York: New York University Press, 2013.

LATOURE, B. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Bauru: Edusc, 2012.

LIMA, A. B. O Racismo Nosso De Cada Dia: Contradições De Uma Sociedade Que Se Apresenta Racialmente Democrática. **Athenea Digital (Revista de Pensamento e Investigación Social)**, v. 21, n. 1, p. 1–14, 2021.

LOTMAN, Y. **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

LOTMAN, Y. **La semiosfera**. Madri: Catedra, 1996.

LOTMAN, Y. **Universe of the mind**. A semiotic theory of culture. London, New York: LB. Tauris, 1990.

MACHADO, I. **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

MAINZER, K. **Thinking in Complexity**. New York: Springer-Verlag, 1994

MEME Boneca inflável. **Tempreguicano (Blog)**, 2014. Disponível em:
<<http://tempreguicano.blogspot.com.br/2014/08/justica-da-internet-o-caso-aranha.html>>.
Acesso em: 17 abril 2015.

MEME galho em galho. **Grêmio Rock**, 2014. Disponível em:
<http://www.gremiorock.com/2014_09_01_archive.html>. Acesso em: 17 abril 2015.

MEME Macaco. **Gerador de Memes**, 2014. Disponível em:
<<http://geradormemes.com/meme/v5iqer>>. Acesso em: 17 abril 2015.

MORIN, E. **O Método I, A Natureza da Natureza**. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.

NOONEY, L; PORTWOOD-STACER, L. One does not simply: An introduction to the special issue on internet memes. **Journal of Visual Culture**, v.13, n.3, 248–252, 2014.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

PERFIL de torcedora no *Facebook*. **Gabriel Dantas (Blog)**, 2014. Disponível em:
<<http://gabrieldantas-futebol.blogspot.com.br/2014/08/o-fim-de-patricia-moreira.html>>.
Acesso em: 17 abril 2015.

POLIVANOV, B. et. al. Apanhador (Não Tão) Só: Acontecimento em rede e as afetações de uma ruptura de coerência expressiva. **Revista Eco-Pós (ONLINE)**, v. 23, p. 535-560, 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ciência diante da natureza. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PRESO por atear fogo na casa de torcedora gremista confessa o crime em depoimento. **ClicRBS**, 2014. Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/preso-por-atear-fogo-na-casa-de-torcedora-gremista-confessa-o-crime-em-depoimento-116330.html>>.
Acesso em: 17 abril 2015.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento. In: FRANÇA e OLIVEIRA. **Acontecimento: Reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, 59-76, 2005.

RACISMO e leitura labial. **Amarildo Charge (Blog)**. 2014. Disponível em:
<<https://amarildocharge.wordpress.com/2014/08/30/racismo-e-leitura-labial/>>. Acesso em: 17 abril 2015.

ROSA, A. P. Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra. **Matrizes**, São Paulo, v.13, n.2, maio/ago, 2019.

SALLES, C. **A Crítica Genética**. São Paulo: Educ, 1992.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SHIFMAN, L. **Memes in Digital Culture**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2014. Disponível em:

<<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=e000xww&AN=649171&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 7 set. 2020.

TORCEDORA Patrícia Moreira vira capa da Playboy. **Feedhits**, 2014. Disponível em:

<<http://www.feedhits.com.br/ler/1855587/TORCEDORA+PATR%C3%8DCIA+MOREIRA+VIRA+CAPA+DA+PLAYBOY>>. Acesso em: 17 abril 2015.

TORCEDORA racista do grêmio é afastada do trabalho. **ESPN**, 2014. Disponível em:

<http://espn.uol.com.br/noticia/436121_torcedora-racista-do-gremio-e-afastada-do-trabalho-diz-jornal>. Acesso em: 17 abril 2015.

TORCEDORES do grêmio chamam goleiro aranha de macaco. **Portal R7**, 2014. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/racismo-torcedores-do-gremio-chamam-goleiro-aranha-de-macaco-29082014>>. Acesso em: 17 abril 2015.

VIEIRA, J. A. Complexidade e Conhecimento Científico, **Oecologia Brasiliensis**, Vol. 10, n. 1. Rio de Janeiro: PPGE/UFRJ, 2006.

VIEIRA, J. A. Organização e Sistemas. Informática na Educação: Teoria e Prática. **Tgie-UFRGS**, v.3, Setembro, 2000.